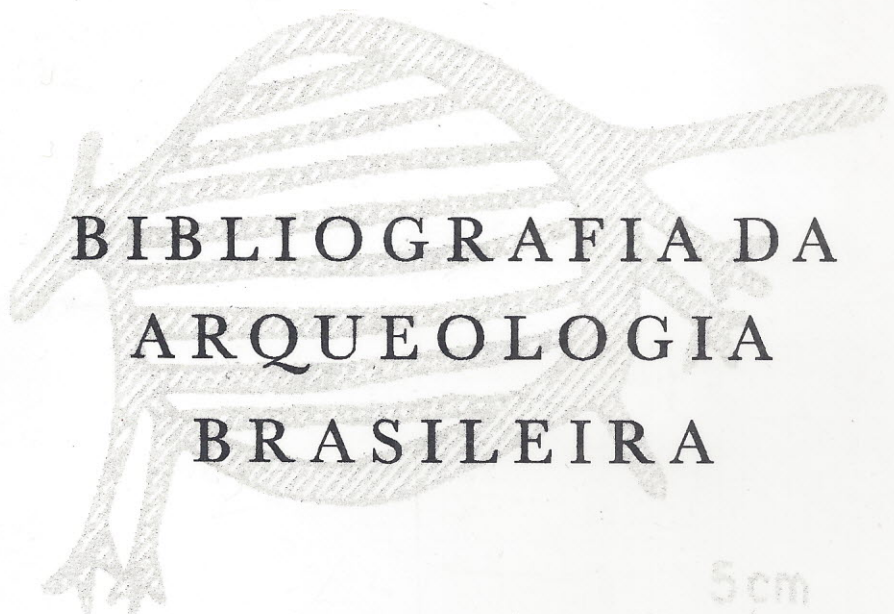


ARQUIVOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

VOLUME XV/XVI

1994/1995



BIBLIOGRAFIA DA
ARQUEOLOGIA
BRASILEIRA

BELO HORIZONTE



ANUAL

ARQUIVOS DO MUSEU HIST. NAT. UFMG

BELO HORIZONTE

VOL. 15/16

1994/1995

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ARQUIVOS DO MUSEU DE HISTORIA NATURAL

VOLUME XV/XVI

BIBLIOGRAFIA DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

Renato Kipnis
Irmhild Wüst
André Prous
Alessandra L. Miranda
Rosangela Oliveira

Organizadores

BELO HORIZONTE

ANUAL

CORPO EDITORIAL

Editor Responsável:

Prof. Wolney Lobato

Consultores Científicos:

Prof. Paulo Emilio Vanzolini	- USP	(Zoologia)
Prof. Kenitiro Suguio	- USP	(Geologia)
Prof. Celso Dal Ré Carneiro	- IPI	(Geologia)
Prof. Joachim Karfunkel	- UFMG	(Gemologia)
Prof. Maria Léa Salgado Laboriau	- UnB	(Micropaleontologia)
Prof. André Prous	- UFMG	(Arqueologia)
Prof. José Luiz Pedersoli	- UFMG	(Botânica)
Prof. Caio César Boshi	- PUC-MG	(História)
Prof. Heinz Charles Kohler	- UFMG	(Geografia)
Prof. Castor Cartelle Guerra	- UFMG	(Paleontologia)
Prof. Hugo Pereira Godinho	- UFMG	(Ecologia de Peixes)

Toda correspondência sobre assuntos ligados aos "Arquivos do Museu de História Natural da UFMG" deverá ser endereçada à comissão Editorial.

ALL correspondences about editorial matters, subscriptions, changes of address and claims for missing issues should be sent to the Editor.

Arquivos do Museu de História Natural da UFMG
Rua Gustavo da Silveira, 1035
CEP 31080-010 Belo Horizonte, MG - Brasil
Caixa Postal 1275 (CEP 30000)
Fones: (031) 461-7486 e (031) 461-7666
Fax: (031) 481-4495

Arquivos do Museu de História Natural da UFMG.

Belo Horizonte, UFMG, 1974.

Vol. 15/16

Periodicidade: anual

Título anterior. Arquivos do Museu de História Natural, 1974-1993.

ISSN 0102-4272

1. Ciências Naturais - Periódicos. I. UFMG.
2. Antropologia - Periódicos.
3. Arqueologia - Periódicos. I. UFMG. Museu de História Natural.

SUMÁRIO

<i>APRESENTAÇÃO DA DIRETORA DO MHN/UFMG</i>	<i>i</i>
	Lúcia Regina de Las Casas
<i>INTRODUÇÃO AO ARQUIVOS XV/XVI</i>	<i>ii</i>
	André Prous
<i>ALFREDO MENDONÇA DE SOUZA: NOTAS BIOGRÁFICAS</i>	<i>iv</i>
	Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza
<i>INTRODUÇÃO À BIBLIOGRAFIA DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA</i>	<i>x</i>
	Os organizadores
<i>BIBLIOGRAFIA DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA</i>	<i>1</i>

SUMÁRIO

i APRESENTAÇÃO DA DIRETORA DO INSTITUTO
Lista Régis de Lourenço

ii INTRODUÇÃO DO ARGUMENTO
André Pires

iv ALFONSO MENDONÇA DE SOUZA: NOTAS BIOGRÁFICAS
Stela Maria Torres Mendonça de Souza

v DISTRIBUIÇÃO E BIBLIOGRAFIA DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA
Os organizadores

v BIBLIOGRAFIA DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

APRESENTAÇÃO DA DIRETORA DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL

É com grata satisfação que vimos chegar a bom termo o empenho de diversos pesquisadores e funcionários do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG e de outras instituições, para que seja enfim publicada a Bibliografia da Arqueologia Brasileira.

A qualidade de nossa história é conquistada com gestos como este, que reconhecem e superam circunstâncias adversas, pois não perdem de vista o objetivo nobre: contribuir para a constituição de uma memória da arqueologia brasileira.

O registro deste labor humano demonstra que, mais que um anseio, a autodeterminação se dá no exercício humilde e persistente de desafiar limites. Possam os jovens arqueólogos cada vez mais cedo redescobrir esta lição de juventude de espírito.

Lúcia Regina de Las Casas
Diretora do Museu de História Natural e
Jardim Botânico da UFMG.

INTRODUÇÃO AO ARQUIVOS XV/XVI

Quando apresentamos os 2017 títulos da “Bibliografia da Arqueologia Brasileira” nos *Arquivos* IV/V do Museu de História Natural em 1980, ficamos surpresos com a grande demanda do público, que excedeu amplamente a comunidade de arqueólogos brasileiros; desta forma, a edição se esgotou rapidamente, assim como a dos *Arquivos* X de 1985, que incluía os 899 novos títulos da “Bibliografia Geral -II”.

De qualquer modo, estávamos cientes das numerosas imperfeições destas primeiras listas, que continham muitos erros de citação e datilografia; tínhamos trabalhado de uma maneira amadorística e somente nos atrevemos a publicá-las por saber o quanto fazia falta uma bibliografia, mas sem ilusões sobre as lacunas do nosso trabalho. Tínhamos o projeto de realizar uma “Bibliografia III” contendo, além dos títulos posteriores a 1985, um registro de todas as dissertações e teses tratando de temas de arqueologia brasileira defendidas no país e no Exterior, assim como um *erratum* detalhado referente às listas anteriores. Sendo assim, continuamos coletando as referências (cerca de 1.000 títulos novos), mercê aos colegas que nos remetiam suas publicações -ou uma lista das mesmas -e através do depoimento sistemático das citações bibliográficas; também ficamos gratos a C. N. Dubelaar, que nos forneceu uma minuciosa lista de erros ocorridos nas citações relativas à arte rupestre.

No entanto, com a multiplicação dos arqueólogos e, conseqüentemente, das pesquisas e publicações, ficamos sem condições de levar a cabo esta pesada tarefa, que não podia ser realizada em prejuízo das nossas outras obrigações. Assim sendo, procuramos colegas que pudessem nos ajudar; descobrimos então que Irmhild Wüst estava também realizando um registro sistemático da bibliografia, tendo coligido cerca de 4000 títulos; por outro lado, Renato Kipnis, que estava também reunindo uma documentação abundante, se dispôs a comparar as três coletâneas e fundi-las num mesmo banco de dados. Desta forma e a partir desta tríplice colaboração, formou-se o projeto de publicar todos os títulos - e não apenas os que não tinham aparecido nas listas anteriores, aproveitando-se do molde informático utilizado por I. Wüst. A Diretoria do Museu de História Natural apoiou o projeto, garantindo a publicação num número especial dos *Arquivos*. Depois de realizada a listagem, Alessandra L. Miranda teve participação destacada no trabalho de verificação sistemática das citações, resolvendo os inúmeros problemas de discrepância e redundâncias existentes entre as listas, checando também as citações incompletas. Rosangela de Paula Oliveira encarregou-se da digitação e editoração.

Com a multiplicação do uso da informática entre os arqueólogos, entendemos que as próximas atualizações deverão ser realizadas em disquetes a partir da versão atual (já elaborada em computador), que poderiam ser divulgadas através de alguma entidade de classe, como o Fórum ou a SAB.

Estou particularmente feliz em apresentar este trabalho coletivo; espero que, além da sua utilidade intrínseca, sirva de exemplo para os jovens colegas, lembrando que a colaboração é sempre possível entre arqueólogos vindos de horizontes e com preocupações diferentes, quando o objetivo é compartilhar as informações em prol do bem comum, desapegados de vantagens pessoais.

Não poderíamos concluir esta obra sem nos referirmos a Alfredo Mendonça de Souza, que tanto trabalhou na constituição de uma memória da arqueologia brasileira e cuja biblioteca sobre o assunto fosse talvez a mais rica do país. É como homenagem a este pesquisador, cujo falecimento muito nos emocionou, que publicamos o texto da Dra. Sheila Mendonça de Souza. Ninguém poderia lembrar melhor do que ela a carreira e a personalidade deste pesquisador, que teve uma participação tão peculiar na comunidade arqueológica brasileira.

André Prous

ALFREDO MENDONÇA DE SOUZA: NOTAS BIOGRÁFICAS

A arqueologia brasileira perdeu um de seus mentores com o falecimento, no dia 2 de dezembro de 1996, de Alfredo Mendonça de Souza. As manifestações de admiração e reconhecimento pelo muito que realizou, e pelo exemplo que deixou, têm-se repetido, e com seu nome está sendo re-inaugurado o Laboratório de Arqueologia da Universidade Estácio de Sá, em uma justa homenagem ao seu fundador. A oportunidade de sumarizar sua biografia em um volume que reúne a bibliografia completa da arqueologia brasileira é mais do que adequada, à medida que a compilação da produção científica tão dispersa e rara dos arqueólogos brasileiros foi um dos seus principais temas de trabalho e seu grande orgulho pessoal, expressado na biblioteca que logrou reunir e onde tantos alunos e colegas trabalharam. Aqui, portanto, também fica nossa homenagem.

Nascido no Rio de Janeiro, em 24 de janeiro de 1946, Alfredo Augusto Castro Mendonça de Souza, foi criado em Manaus. Filho de uma família tradicional da cidade, de origem portuguesa, foi educado entre livros e aspirações da elite intelectual e social de uma cidade que, no seu isolamento do território brasileiro, voltava-se até muito recentemente para valores Europeus. Manaus onde Alfredo foi criado, num grande casarão de azulejos franceses, louça e mobiliário tradicionais dos avós, era uma cidade provinciana e tranqüila, longínqua em relação às grandes metrópoles acadêmicas do Sul, fechada sobre si mesma e orgulhosa de seu papel de capital no coração da floresta, do grande Rio Negro e de suas tradições simbióticas das culturas caboclas e européias ali predominantes.

Aluno de bons colégios, formou-se, brilhante e destacadamente, não apenas como estudante mas também como líder, no colégio Don Bosco de rígida tradição religiosa, tendo obtido, paralelamente ao segundo grau título de curso técnico contábil. Nesse período também adquiriu conhecimentos fundamentais de inglês, e sua curiosidade e inteligência o levariam por leituras dos clássicos e pela exploração de todo o potencial existente numa cidade que, apesar de distante, orgulhava-se de ter um Teatro Amazonas e um circuito intelectual ativo e instigante, do qual participara.

Desde adolescente, sua vocação para letras e sua sensibilidade artística o levaram a escrever, incentivado pelos pais, e também a tentar o desenho e a pintura. Preocupações humanísticas e uma forte vocação filosófica, grande capacidade de reflexão teórica, associadas à aptidão especial e grande treinamento para a comunicação escrita, tornaram desde logo marcas de seu desempenho. Entretanto, ao decidir-se sobre o curso superior, foi na área tecnológica que prestou vestibular, tendo saído de Manaus para fazer o curso de Engenharia Química da Universidade Federal do Paraná, considerado à época o melhor curso dessa área no Brasil.

Aprovado na Universidade, vai para Curitiba, aos 17 anos de idade, arcando com os custos da drástica mudança cultural e climática que acompanham seu ingresso no curso superior. Em 1964, em plena revolução, convive com os movimentos estudantis e toda a intensa participação política que marca a época, ao mesmo tempo em que cursando a área tecnológica, adquire toda uma formação mais objetiva, fortemente marcada pelas ciências exatas e pelo condicionamento administrativo e gerencial.

Ao longo do tempo em que cursou a Universidade, Alfredo Mendonça de Souza, já participava intensamente de atividades extracurriculares de diversos tipos, através da própria escola e do círculo de amizades que pouco a pouco conseguiu formar na fria e preconceituosa Curitiba, onde seu tipo moreno e fala Amazônica nem sempre foram bem recebidos. Nessa época surgem oportunidades de iniciar viagens pelo Brasil começando a desvendar a amplidão e a diversidade desse país, principalmente os interiores, onde depois fará grande parte de seu trabalho. A dura realidade de fronteiras como as de Mato Grosso e outras, ajudam a preparar para a seriedade e complexidade dos trabalhos de campo.

Foi ainda em Curitiba que teve contato, na Universidade, com Guilherme Tiburtius e João José Bigarella, através dos quais se aproxima da arqueologia científica, da qual não mais se afastará. Embora a arqueologia amazônica, com todo o seu fascínio tenha estado na base de sua formação de intelectual manauara, pela leitura dos antigos trabalhos de Bernardo da Silva Ramos ou pelo entusiasmo de historiadores e escritores regionais como Arthur Cesar Ferreira Reis, e seu próprio pai, João Mendonça de Souza, é no Paraná que a possibilidade de fazer arqueologia de maneira concreta se coloca como opção de vida para ele que, pesquisador nato, inicia, após sua formatura, um mergulho profundo para o passado que elege como objeto de interesse e opção profissional.

Mudando-se para o Rio de Janeiro, em 1970, já com sua irmã Maria Arminda Castro Mendonça de Souza, iniciam uma formação em arqueologia através de um curso livre de longa duração, a nível de especialização, oferecido pelo Centro Brasileiro de Arqueologia. Tendo participado por algum tempo daquele grupo, com quem faz sua primeira pesquisa de campo, no estado da Paraíba, afasta-se pouco tempo depois, para formar outra instituição, o Centro de Informação Arqueológica - CIA, com finalidade de pesquisar e organizar cientificamente informação acerca da arqueologia brasileira.

No Centro de Informação Arqueológica planta as bases de sua atuação como arqueólogo, implantando desde cedo o que seria sua marca: a objetividade de sua formação tecnológica aplicada à pesquisa arqueológica, uma novidade nesse campo onde como regra atuavam pesquisadores formados na área de humanas e de ciências biológicas. No CIA edita um boletim de circulação regular, com artigos de diferentes autores; organiza um cadastro de informações sobre sítios arqueológicos e pesquisas; um arquivo de imagens e um pequeno museu. Inicia pesquisas de campo com uma viagem a municípios do interior do Ceará, e publica na forma de relatório os resultados

iniciais desse trabalho. Faz contato com as diferentes instituições de pesquisa e com pesquisadores nacionais e estrangeiros. Um pequeno laboratório montado na sede do CIA permite que aplique propostas analíticas que acompanham a literatura internacional.

Em 1972 o CIA, com sua orientação técnica, está em plena atividade, administrando cursos de curta duração em arqueologia, desenvolvendo trabalhos de campo, e com uma equipe de pesquisadores e estagiários. Em 1974 envia seu primeiro trabalho apresentado em um congresso internacional, o IX ICAES - International Congress of Anthropological and Ethnological Congress, em Chicago.

Tendo clareza das dificuldades que a formação profissional assistemática vinham acarretando para o Brasil, ainda muito dependente do que ditavam as missões estrangeiras em termos de arqueologia, Alfredo inicia a reflexão sobre a criação do curso de graduação em arqueologia, contando para isso com o apoio de sua equipe e de colegas Norte-americanos que enviam currículos e sugestões, e principalmente com o apoio político de Iluska Simonsen, arqueóloga de sua equipe. Fruto de sua iniciativa, é apresentado ao Ministério de Educação e Cultura um Currículo Mínimo que, depois de aprovado, passa a constituir a base da proposta para o curso de graduação em arqueologia. Vencida a primeira batalha, Alfredo inicia a segunda e mais crítica: estruturar e por em funcionamento, seguidos todos os trâmites burocráticos necessários, a Faculdade de Arqueologia.

A luta para colocar em funcionamento a Faculdade de Arqueologia Marechal Rondon e depois manter vivo o curso, até que finalmente aprovado pelo MEC, pudesse caminhar, tomou grande parte de seus objetivos profissionais por alguns anos, trazendo por um lado grande satisfação, mas por outro as maiores ansiedades e lutas que certamente ele enfrentou. Marco de transição fundamental para a arqueologia no Brasil, o curso de arqueologia tem sido, ao longo desses vinte anos, indissociável da figura de Alfredo, não se escrevendo a história de um, sem a história do outro.

Ao longo dos anos seguintes, a luta para a consolidação da graduação em arqueologia, e muitas outras lutas políticas daí decorrentes, entre outras realizações em pesquisa, marcam a sua vida. Iniciou pesquisas de longa duração no estado do Rio de Janeiro e em Goiás, publicando trabalhos que aplicaram de modo inédito, procedimentos analíticos quantitativos, novos na arqueologia brasileira. No Rio de Janeiro trabalhou em Angra do Reis e mais tarde em Magé, em Goiás trabalhou ao longo da calha do rio Paranã, em convênio com a Universidade Federal de Goiás. Decidido a ativar as trocas de informação em arqueologia, montou um Congresso de Arqueologia em Teresópolis, em 1973, reunindo arqueólogos de diferentes instituições e lugares, entre outros temas, abrindo discussão sobre a sistematização da formação de arqueólogos em um curso superior no Brasil. Orientado diretamente pelo padre João Alfredo Rohr, iniciou as escavações sistemáticas em sambaquis, recuperando a problemática que o motivara no Paraná: a questão da arqueologia onde se imbrica com a problemática da geomorfologia costeira.

Seu currículo, enriquecido pela formação na área tecnológica e pela sua produção científica, permitiu que fosse aprovado para as disciplinas de Restauração, cujo programa era fortemente fundamentado em aplicação de técnicas de base físico-química; e de Arqueologia Analítica, área para a qual sentira-se desde início vocacionado, e que lhe permitia associar conhecimentos da área de exatas à motivação pelas questões proporcionadas pela arqueologia. Dada à peculiaridade de sua formação, foi por longo tempo um dos poucos arqueólogos no Brasil competente para manejar essa abordagem com segurança, o que lhe assegurou grande respeito de todos que formou e de colegas no Brasil e no exterior. Ainda na Faculdade de Arqueologia, foi também de sua iniciativa a montagem de um curso de pós-graduação *lato sensu*, do qual também foi professor.

Por questões administrativas diversas, afastou-se por curto tempo da Faculdade de Arqueologia, retornando logo após, quando aquele curso passou a integrar o conjunto das Faculdades Estácio de Sá, onde manteve-se lecionando por toda a vida, sempre na graduação em arqueologia, mas também em outros cursos como museologia e turismo. Fruto dessa dissidência na antiga Marechal Rondon, foi a criação por ele de outro centro de pesquisas em arqueologia, o Instituto Superior de Cultura Brasileira - ISCB. Este manteve, por vários anos, atividades de pesquisa de campo em arqueologia e em outras áreas; colaboração intensiva com o Museu do Índio e outras instituições de pesquisa; uma estreita relação com o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, de onde Alfredo foi Assessor e depois Diretor muitos anos; um pequeno museu e atividades didáticas, voltadas para a comunidade, além de cursos, sempre na área de arqueologia e afins. O mesmo instituto realizou, ainda pela iniciativa de Alfredo, publicações e organizou reuniões periódicas, de caráter científico, as Jornadas Brasileiras de Arqueologia.

Nessas Jornadas, e no difícil início do ensino de graduação em arqueologia no Brasil, assentaram-se as raízes que levam à proposição da criação da Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB. Levantada no Rio, a discussão e preparação da criação da SAB, passa por uma comissão da qual Alfredo faz parte. Criada em 1980 em uma reunião regional em Goiânia, a SAB teve em sua primeira diretoria provisória e depois também, em sua primeira diretoria eleita Alfredo como Secretário da Sociedade. Ainda que, ao efetivar-se a criação da SAB, não tenha sido plenamente contemplada sua concepção do que deveria ser aquela Sociedade, sua participação na mesma, ao longo dos anos, fundamentou-se na certeza de que há um tempo certo para cada coisa, e que é preciso construir e persistir.

Certo da importância de sua participação enquanto formador de profissionais, buscou sempre todas as formas de ensinar, dentro e fora dos esquemas mais convencionais, chegando a montar cursos por correspondência na área de arqueologia e história. Preocupado com o que considerava limitações de sua formação, cursou na década de 70 disciplinas avulsas de cursos de pedagogia, para ampliar sua experiência na área.

Atuando no INEPAC por alguns anos, tratou de colocar com ênfase a arqueologia no âmbito dos interesses daquele órgão estadual de patrimônio, organizando, inclusive, um cadastro minucioso dos sítios arqueológicos do Rio de Janeiro. Motivando-se cada vez mais pela questão da informação e percebendo a importância crescente dessa área para a arqueologia em particular e para as ciências em geral, investiu sua formação de pós-graduação em Ciência da Informação, fazendo seu Mestrado no Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica - IBICT (do CNPq), e depois também ali seu Doutorado.

Sua dissertação de mestrado, além de compilar uma rica história da arqueologia brasileira, realiza como objetivo principal, uma análise bibliométrica da arqueologia brasileira no período de 1975 a 1985. No trabalho analisa e comenta, minuciosamente, a produção científica em arqueologia brasileira, contextualizando-a política e historicamente. Sua tese de doutorado, voltada para o tema da classificação, enquanto ferramenta empírica de trabalho científico, organiza as informações teóricas existentes sobre esse assunto, discutindo o significado e a validade das classificações. Ainda que não seja especificamente aplicado às questões arqueológicas, o trabalho, que já se encontrava concluído, embora não tenha sido defendido, deverá ser publicado postumamente, sendo de grande interesse para arqueologia, cuja empiria assenta-se sobre os mais diversos e criativos esquemas classificatórios.

Nos últimos anos, mantendo-se coerente com o caráter inovador que imprimiu a tudo que fez, lançou um periódico em disquete para a arqueologia brasileira, o Infoarqueodata, cujos primeiros números chegaram a circular. Sua proposta, ainda que vista com grande interesse, não logrou implantar-se, embora permitisse agilizar e baratear custos editoriais, sendo baseada em uma opção que cada vez mais se internacionaliza. Pioneiro também no uso de microcomputadores e na informatização do trabalho em arqueologia, trabalhou com diversos tipos de aplicativos tendo-se mantido, até o final, fascinado com a potencialidade que a popularização dos micro trouxeram ao trabalho do arqueólogo.

Nos últimos anos, foram produtos importantes de seu trabalho, além da tese de Doutorado, um dicionário de arqueologia, deixado pronto para edição, e também um banco de dados com datações radiocarbônicas para o Brasil, com cerca de um milhão de registros.

Embora voltado para atividades científicas ao longo de toda a sua vida, nunca deixou de exercer sua aptidão literária, deixando um grande número de textos, principalmente na forma de contos.

Sua passagem pela arqueologia brasileira sem dúvida marca uma grande transformação na área, e seu papel foi decisivamente de ordenador da formação e da atividade científico-profissional dos arqueólogos no Brasil.

Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza

A pesquisa bibliográfica é resultado da combinação de três pacotes de dados bibliográficos independentes fornecidos por Imahid West, André Pires e Renato Kipka. A ideia inicial era reunir as bibliografias e oferecê-las ao público em forma eletrônica. Com o tempo e uso de computadores ainda não é universal, opiniões por fazer uma publicação impressa que contém, além das referências que constam nas publicações anteriores, uma atualização. Pesquisadores continuam com a atualização do



Alfredo A.C. Mendonça de Souza (1946 -1996)

INTRODUÇÃO À BIBLIOGRAFIA DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

A presente publicação é resultado da combinação de três bancos de dados bibliográficos independentes formados por Irmhild Wüst, André Prous e Renato Kipnis. A idéia inicial era reunir as bibliografias e oferece-las ao público em forma eletrônica. Como o acesso e uso de computadores ainda não é universal, optamos por fazer mais uma publicação impressa que contém, além das referências que constam nas publicações anteriores, uma atualização. Pretendemos continuar com a atualização do banco de dados e oferecer anualmente as referências em formato eletrônico para serem utilizadas em bancos de dados bibliográficos específicos (i.e. Pro-cite, End Note, Papyrus, etc.) e para editores de texto (i.e. Microsoft Word). Esperamos que o banco de dados neste novo formato tenha já na sua primeira versão um campo destinado à busca por palavras chave.

A bibliografia que publicamos neste volume inclui referências científicas, livros, revistas especializadas, bem como artigos que foram publicados em revistas e jornais de divulgação e que possam ser de interesse para um público mais amplo. Concentramos, todavia, nas publicações acadêmicas, incluindo assim manuscritos e resumos de congressos quando estes não foram publicados, ou quando não tivemos informação de que tenham sido. Algumas referências que não tratam de arqueologia diretamente foram incluídas pois apresentam informações arqueológicas escritas e/ou ilustradas (i.e. fotos, figuras, desenhos, etc.). Apesar de todos os esforços, algumas referências ainda estão incompletas. Faltam algumas informações sobre editoras, páginas, volumes de periódicos, etc. Decidimos publicá-las mesmo incompletas já que elas contém informações que possibilitarão sua identificação posterior. Pedimos, portanto, aos usuários que eventualmente tenham tais informações que nos as enviem para serem incluídas na próxima edição. Não obstante, continuaremos à procura destes dados faltantes e tentaremos corrigir as imprecisões que encontrarmos.

Solicitamos também aos colegas e usuários da presente compilação que nos enviem as bibliografias que por ventura não constem neste volume e pedimos de antemão desculpas pelas eventuais omissões ou incorreções.

Os organizadores